

**6 metamanifestos de Pedro Proença  
sobre os manifestos artísticos de Francisco Cardoso Lima  
(olhando para o Herberto de Sosa)**

Primeiro metamanifesto — Discurso sobre o discurso do artista

Segundo metamanifesto — Espaços a apetecerem

Terceiro metamanifesto — Coisas a arfar muito no inquilinato

Quarto metamanifesto — O atelier é um cruel paraíso

Quinto metamanifesto — A inorigem do objecto de arte

Sexto metamanifesto — A arte como boutade minotaurica

**Pedro Proença**

Junho | 2013

*disponível para download (formato PDF) em*  
*[http://www.franciscocardosolima.com/download/pedro\\_proenca-metamanifestos.pdf](http://www.franciscocardosolima.com/download/pedro_proenca-metamanifestos.pdf)*

**Primeiro metamanifesto**  
**Discurso sobre o discurso do artista**

1. o discurso do artista surge nos dedos na boca nas páginas nos ecrãs com uma espécie de voz a fazer-se ao prestígio a ser caçado por outros antropófagos
2. discurso chamuscado pelas obras de artes, a instalar-se nas suas mortais imediações
3. discurso rápido logocêntrico a descentrar-se na sua brutalidade na sua delicadeza, na baba encaracolada do logos
4. as palavras dos artistas são o seu monumento accidental com pombos a cagarem por cima
5. os artistas fazem-se vestidos de “operadores estéticos”, de filósofos súbitos a branquear práticas na sua distraída mortalidade
6. os discursos filosóficos dos artistas aparecem como cabeças que se autocontemplam nas suas burlas pessoais
7. a paisagem dos discursos dos artistas é posterior às paisagens que entram na vida dos artistas como uma inflamação alta
8. os discursos dos artistas dão ardentes pancadas uns nos outros
9. os discursos dos artistas são peixes a disfarçar o não haver discursos de artistas ou a disfarçar o disfarce de disfarçar com moribundos alfabetos os altos discursos dos artistas nos seus belos aquários
10. os artistas desaldrabam-se no seu bluff poético, redondamente, a quererem entrar na literatura como fábula a imprimir
11. o artista desmonta-se e monta-se para ser cavalgado por alfabetos ressurrectos
12. o artista esconde-se no seu silêncio arcaico esmagado por catedrais
13. o artista inventa a sua estupidez como apatia sonora enquanto as palavras se evaporam para seduzirem indeterminadamente

14. os artistas põem as suas escorregadias teorias em sítios muito obscuros porque têm medo de que as suas teorias sejam uma arca de imbecilidades
15. há artistas que julgam que pensam com o alfabeto, com a pompa de maduras teorias ou com a brejeira brutalidade de quem as recusa ter
16. os artistas pastam o seu medo de todas as maneiras e sobem por uma corda muito frágil à infância a confundir-se com a fama a confundir-se com a posteridade e em tudo isso floresce angustia
17. as contradições dos artistas são uma bela insensatez que atravessa como uma cabeça de cão as fileiras do pensamento
18. os artistas têm uma morosa ânsia de serem excitadamente tagarelas e querem fazer sobrar a sua insensatez ao seu corpo que não se salva na infância e que se amarga em impotências
19. os artistas andam eriçados e irritados a verem se convencem as pessoas com as suas desarrumadas teorias que entram nas suas obras para tentar espalhar o terror
20. a impotência dos artistas em submergirem os outros com as suas inanidades teóricas dá belos fracassos que se multiplicam anfractuosos nas suas manhosas posteridades
21. os parasitas dos artistas rondam os discursos dos artistas como hienas a amarelecerem em complicações a folhearem dicionários a multiplicar a insensatez como algo que deveria dilatar uma fragilidade sem pernas
22. os artistas falam com uma malícia súbita que se tenta aproximar dos ramos das cores ou das formas altas ou das palavras com muito sumo e deveras obscuras
23. o artista irradia discursos adjectiváveis e adverbiais que são como belos animais a pronunciar uma áspera insensatez
24. vai-se a ver e não se sabe muito bem o que se pode fazer com esses discursos mas dá para passeá-los como um cão por belos jardins teóricos

25. as coisas importantes fazem-se importantes às vezes outras vezes ficam quietinhas à espera que a importância dessa importância seja importante para alguém
26. o discurso dos artistas tem quatro patas e o discurso sobre os discursos dos artistas parece que é bípede para andar mais depressa
27. o discurso sobre os discursos dos artistas enrabam frequentemente os discursos dos artistas com a inclinação de quem quer alargar muitos rosados cúis e enrabar erráticamente — os artistas dos discursos dos artistas gostam
28. em certos artistas o melhor é o seu discurso na tarefa de estranfular outros discursos ou de serem plantados como eucaliptos, intensos, agressivos e bem-cheirosos
29. certos discursos de artistas não são crimes mas gostavam de ser fortes como crimes com a violência e a raiva e a maravilhosa frustração a despejar a jorrar como uma descarga electromagnética um orgasmo a entrar pela paisagem dentro com a inexperiência poética de quem tem muito para dar e clichês de sopra para mudar o mundo para não sei quê e essa é a sua bitola e a sua parábola
30. espantam-se os artistas com os seus discursos que encontram o ritmo burocrático dos comentadores dos artistas e confundem-se com ele no onanismo das teses universitárias ou na imitação das inanidades curatoriais a portarem-se muito bem como quem se porta muito mal na circunspeção de quem diz banalidades a passar por coisas fortes a espantar e fascinar candidatos a grandes artistas
31. os discursos artísticos andam na arte como parábolas que desaprendem a arte que não sabem sequer se a arte existe ou se está na cova ou se é apenas um ardente vocábulo a inflamar consciências (e isto é um clichê também)

32. o criticismo entra pelos jornais adentro porque os críticos escrevem cada um para si assim como os artistas também escrevem intersticiais e esperam que todos acusem uma suave recepção com sublimes folhas tenebrosas
33. o artista mija lugares para os outros cheirarem e aquilo é feito para os sentidos mesmo que os que cheiram se sentem em teorias ou apenas passem e sintam um odor nauseabundo ou se agachem e cheirem aquilo com muito agrado
34. o artista autobiografia-se no seu pseudo-crime esplêndido e é o instigador da sua história, o obscuro teórico, o proto-crítico de arte, o entesoado filósofo no boudoir da arte, o comerciante manhoso que diz que não tem jeito para isso.
35. os papéis dos que andam no meio da arte são confusos e todos querem ser um pouco mais do que aquilo que são a fazer mal-amanhadamente os trabalhos alheios com discursos que se espelham na altura baça
36. o discurso do artista é a sua ginástica de manutenção a aprimorar servidões a preterir liberdades por outras liberdades
37. vai-se a ver e os discursos entranham-se nas obras tais como as cabeleiras postiças se tornaram inseparáveis, no comércio atento de imagens, das figuras do século XVII e XVIII, e depois já não deslaram o sangue do artista, mesmo que parasitários ou irrelevantes
38. a prática artística é a arte de bater com a cabeça nas paredes até aquilo sangrar e voltar a repetir com vozes atrás e pessoas a aplaudir inocentemente ou hipocritamente enquanto as coisas estremecem e os prestígios resvalam e o artista se julga importante ou livre nas suas preparadas explosões, no que se dá a explicar como mais uma piada, ou no absurdo de um programa anódino

39. o que parece que é importante entre estas audácias e imposturas é nada ser mais importante ou relevante nos lugares da arte, quer a teoria com os seus corcéis feitos linguagem e divulgação, quer o artista com o seu frágil ego a prometer uma vida atordoada ou exemplar, quer a prática como uma espécie de vício a querer surtir efeitos

Pedro Proença  
Junho de 2013

## **Segundo metamanifesto**

### **Espaços a apetecerem**

a arte chegou pelo lado em que os outros andavam distraídos e os artistas entraram nela e pediram um espaço que os distraísse e onde pudessem menear as ancas perante os enigmas que se propunham

era o atelier, ao contrário dos poetas que podiam escrever em toda a parte, nos cafés e nas retretes por exemplo, os artistas estavam dispostos a pagar em cash por um espaço maternal, por vezes confortável, mas normalmente inóspito, onde podiam dar largas quer à desordem mais extrema quer à ordem mais asséptica

pode-se fazer amor no atelier? pode-se pintar nós ou masturbar junto a telas e esculturas? houve um momento, curto, em que os artistas iam para o campo a ver se a paisagem os contaminava, se lhes entranhava — a população fazia-lhes mal e as gentes são ignóbeis a moverem-se com a sua obstrusa curiosidade — porque as cidades se meteram para dentro e os espaços públicos são estados de guerra — onde se pode passear, mas pouco mais

no atelier podia-se a cegueira e a abjecção e a frivolidade — não era um espaço moral ou amoral, mas a habitação de uma espera num experimentar-se — o antónimo das encenações frias das galerias

os jornais já não existem, a televisão é irrelevante e a vida do artista tornou-se anónima — a arte faz-se com um mas sabe melhor com alguns (contra outros?) — num atelier partilhado mergulha-se mais no feérico fogo caligráfico — a tipografia fica a reinventar a sua ferocidade

o artista propunha para si virtudes superlativas e demoníacas e tinha ganas sexuais, fosse varão ou varoa — demiurgo (naturalmente) ou anti-demiurgo, empresário ou mau negociante, exuberante ou bicho-do-mato lá se dava

conta dos dois polos aos quais se podia encostar: o êxtase e a carreira — poderiam coincidir? ou nem por isso? anacorese lucrativa?

este manifesto transmuda silêncios em silêncios, transmuda os manifestos que ficaram por escrever em metamaneifestos que enlouquecem na sua clandestinidade

Pedro Proença

Junho de 2013

**Terceiro metamanifesto**  
**Coisas a arfar muito no inquilinato**

I. paixão arfando muito é a arte

II. o atelier é o lugar sem astros dos mamíferos horóscopos

III. a fotografia é a existência de um orifício com cornos e lentes

IV. fulgura a criação artística —  
no atelier  
nas paisagens  
no ready-made mexeruco

V. Deus encurva-se na máscara e triangula o tigre contra a concavidade artística.

VI. não há objecto de arte, só inquilinato

VII. o artista deseja a pele abismadamente alumiada e todos jardins de génio da esfera artística

VIII. o atelier é o lugar do lirismo a encolher-se no tempo

IX. passos, contextos, claridade — a sublinhar

X. trabalham os artistas para teoremas livres

XI. o artista é privilegiado: aceita a amoralidade dos jardins, do génio e da morte

XII. a assimetria alumiada do artista brilha no orifício da sua existência, no pertencer a um meio deliciosamente pretensioso

XIII. o artista é o grande centrípeto a centrifugar o mundo

XIV.uma seda furiosa abra a louça que enlouquece a explodir em arte

XV.Deus encurva-se no artista, numa espécie de inquieto

XVI.o centrífugo é o tecedeiro do centrípeto

XVII.a gramática é um negro animal que cozinha esplendidas teorias artísticas

XVIII.lá vem a abismada esfera a trazer o pavor da arte total

XIX.trabalham os textos claros vestidos de escafandristas

XX.e ainda há o artístical!

XXI.aceita-se o objecto de arte sem liberdades?

XXII.o lirismo deseja ser objecto do artista?

XXIII.a rosa abre a doença onde fulgura a criação artística sem o atelier

XXIV.noites expansivas sobre cactos no atelier

XXV.o artista é Deus encurvado na flecha

XXVI.o artista traz o sujeito, do seu paço de arrebatados jardins, com cabeças às costas

XXVII.ele era ofuscante contra a artística claridade e a brandura

XXVIII.ai o pavor de se vir a tornar mais uma coisa artística

XXIX.Deus encurvado na máscara triangula o modus operandi da arte

XXX.relâmpagos contemplam os objectos do artista

XXXI.o atelier é a luz abarracada em arte

XXXII.através dos artistas (todo mundo, a arte, coisas interlocutoras, fantasias antigas) despedimo-nos uns dos outros

XXXIII.os artistas procuram-se como interlocutores na indisciplina

XXXIV.todo o processo criativo é um sentimento de disciplina adiada

XXXV.os artistas mimetizam-se uns aos outros travestindo-se

XXXVI.o atelier é o lugar do fogo

XXXVII.fria caveira da arte com cabeças indisciplinadas

XXXVIII.o atelier transforma os outros sexos em interlocutores do êxtase

XXXIX.a nossa indisciplina derrapa em toda a luz do mundo

XL.os artistas rapam a poética a todo o amador

XLI.legitima-se a arte com pancada a abarrotar

XLII.o atelier é uma ferida

XLIII.a arte é um extra no eu que preencharca o exercício dos artistas

XLIV.há discurso, há artistas a fundamentar o que não é deles com tristeza e ferocidade

XLV.a fonte é a voz do êxtase afundadamente

XLVI. para o artista a revolução é foder melhor

XLVII. a prática da arte é revolucionária na exuberância da língua a rumorejar

XLVIII. os artistas que julgam que têm medo disfarçam-se no discurso

XLIX. os artistas antiquados retocam o tempo

L. um espaço revolucionário ah pela menstruação da onça e seus amigos

LI. há algo artístico entre o cú teórico/crítico

LII. há que disfarçar o que os artistas dizem no louvor abismal

LIII. o ruído do artistas quer relações para mostrar outros artistas de joelhos

LIV. os artistas que falam muito acabam sós

LV. na vocalidade descomeça a razão

LVI. espaço para a arte é a vocalidade

LVII. discurso da arte foge à delicadeza orvalhada

LVIII. os artistas passam junto aos curadores com a sua ambição biodegradável, a exercitar a sua legitimação, a tentarem ser elefantes mortos ou altos enforcados

LIX. ser feio é uma prerrogativa para a legitimação

LX. vindo para a rosa no museu, a galeria cumpre o passo escatológico

LXI. artista cai na sagrada noite tal como outros caíem no artístico

LXII.a arte é desflagrada pelo mal, mesmo quando desmiolada

LXIII.tens que forrar a esfera artística com folha de ouro

LXIV.a primeira vírgula do artista é artística

LXV.a ferocidade amadora do crítico não é a do curador

LXVI.galerista não é um curador porque está ao volante da sua galeria a competir com outros galeristas que guiam muito depressa

LXVII.artista é um elefante da lubricidade, um amator, com o galerista a pedalar por cima dele, profissionalmente

LXVIII.lá vai o artista, a pedalar no amor, no crítico, no comissário, no teórico, no curador, a pedalar na compreensão da arte

LXIX.artista quer ser amator de desertos — a arte é, em última instância, uma subtil anacorese

LXX.na prática tudo é narrativa, sobretudo quando se foge dela

LXXI.no discurso do artista o que importa é a cadela da glória

LXXII.há artistas rotos e outros remendados

LXXIII.motor da sua obra, para certos artistas, é serem mal-amados

LXXIV.objecto artístico é um cão em branco: aleijado ruído de loira

LXXV.Deus em seus êmbolos vê-se no cú da arte

LXXVI.artista quer ser feliz, mas existem narrativas a que tem que pertencer que o levam a correr em direcção contrária

LXXVII.a espiritualidade é um cão que passeia desonestos artistas

LXXVIII.o artista quer ser o herói com coleira

LXXIX.o artista ri da graça, embora acabe por ganhar dinheiro

LXXX.certas obras de arte lambem as cidades

LXXXI.o artista olha a espiritualidade do exterior a aprimorar as Metanarrativas da arte asceticamente

Pedro Proença  
Junho de 2013

**Quarto metamanifesto**  
**O atelier é um cruel paraíso**

O atelier é feito à imagem do paraíso — as mãos encaminham assim o escultor, por esse Domingo adentro (pelo Dia das grandezas).

o atelier encaminha o artista para onde artista não o saiba

os artistas são atingidos pela casa do artístico que os habita — no coração dessa casa monstrua-se a realidade

os artistas querem subverter tudo mas apenas vão sendo habitados pelo atelier a fora

lá vai o nosso crítico a inventar e a destruir possibilidades pela colinas de uma boa metralhada mediática

assim o inocente animal artístico diz: a natureza quer o fora, os falsos, os múltiplos, as neves extremendo a morte entre falésias, quer couraças, pulmões, o que faz o de repente, essa coisa conceptual, entre desonestidades e aprofundamentos

há uma vegetação artista?

o artista julga-se um Deus obscuro, duvidoso, vaidoso — constrói-se no deserto, caminhando, a polir o céu

o atelier é o lugar sem pistas, é o espaço amoniacal por onde deambulam as pequenas de grandezas

o atelier atrai não-territórios, múltiplos, individualizados e indefinidos num espelhar-se eminente e insubstituível

o contexto é o lugar da crime, sub-alugado por curto tempo, e a ser leiloado no futuro

o trabalho de liberdade de criação artista é o nocturno

a criação monstrua-se no selvagem, com brechas corrosivas

o artista trata da sua plateia, pormenorizadamente, na sombra

O artista é a sê-lo. Esculpindo o espírito na materialidade. Caíem-lhe os consensos. O artista faz-se ao contrário. Cria-se numa retorcida fragilidade através das coisas que fabrica.

O artístico é o que, partindo de um objecto do artista, cria a sua negra selva de conceitos, a sua abominável negatividade. O artístico também é a sê-lo.

O artista tem o desejo do medo que incorpora e dá ritmo à sua aparência.

o círculo vertiginoso do objecto artista contamina o seu dia-a-dia, danifica tangível, apanha espiritualidades, aprende a ajudar-se a si mesmo contra si mesmo, no refinamento dos avessos

a natureza descentra os conhecimentos solitários do artista e silencia-se com o mundo

O artista mete-se em actividades. Porque procura? As actividades entranham-se no artista. Os objectos do artista querem reformar o mundo. Mas adentram-se e danificam-se. O artista cozinha num pequeno manual a sua inabilidade. O pequeno manual é o espelho da sua impotência potenciando a voluptuosidade noutros artistas. Depois chegam os espelhos e os espelhos replicam essa voluptuosidade, criam outra vez o mundo.

O artista trata de espalhar mais desejo no tempo.

o objecto do artista feito parábola ajudará de novo os que possuem um desconhecimento das suas aparências

o objecto artístico fica na varanda a inventar quedas que  
o possam estilhaçar

o artista é pouco concreto — espanta muito ao formar-nos  
— é solitário — cria-se com o mundo — pequena maravi-  
lha de si próprio — trata-se com a sua vontade — inseguros,  
austero

a obra, no que tem de obscuro, responde radicalmente ao  
político, mas não é política

o que as formas possuem não é a nossa maneira de des-  
crição, mas que nelas fica a re-pensar

o artista ao ser apanhado pelas luzes, diz: a Arte é o Nada  
na Verdade

O artista em nada é solidário, só solitário. Cria-se nas su-  
as trevas. Vem das suas existências, de condimentar as  
amarguras da suas existências (todas).

O artista trata do seu natural avesso, a desaprender-se, à  
procura da sua morte vagarosa.

Pedro Proença  
Junho de 2013

**Quinto metamanifesto**  
**A inorigem do objecto de arte**

Ninguém se maravilha.  
Ingénuo, o artista anda às apalpadelas  
tenro, a fazer ranger  
em minetes no duche  
em gongórica soledad — ó maravilha.

Ingénuo, o artista coça a eternidade  
nos tomates, na cona  
numa soledad de soberbas  
que o mundo se instalou  
e as coisas coincidem  
no canibalismo do vazio  
na soror juana  
na complicidade, a arrepiar, a arrepiar.

Desfaz-se a coisa  
em tragédia, grega ou boche,  
a maravilhar, a trocar-se  
sem códigos, sem fatalidades —  
vigiadas pessoas e coisas começam a vagar pela noite.  
E há o tempo e as pessoas, e as pessoas e as pessoas  
e as coisas em suas complicações —  
feliz manápula assim às apalpadelas  
pelo tempo que começou na noite  
na tenra a tragédia.

Saciado, o artista encosta-se à obra, a tal  
com a soberania de bravas autobiografias  
deitadas no tempo em saltitantes diversos  
sem intenção —  
as vigiadas pessoas e as coisas coincidem  
no canibalismo  
no exuberante sorver  
nos minetes no duche  
no saltitante — ocultam  
anónimas ressurreições

com pontuação terrestre  
na íngreme servidão dançante  
a desbundar em fatalidade.

Antes, não havia tempo  
e começou a inorigem das multiplicações —  
a unidade, e os todos apareciam  
com pontuações —  
as vigiadas pessoas e as complicações  
fizeram-se arrepiada fábula,  
e saciado, o artista, ingénuo,  
continuou às apalpadelas  
na tenra continuação da arte.

Pedro Proença  
Junho de 2013

**Sexto metamanifesto**  
**A arte como boutade minotaurica**

A arte é uma boutade  
devorando adivinhas  
numa ferida.

A criação de obras de arte  
tem confiança nos cornos do Minotauro —  
atira-se à Tora  
para as comodidades do desessencial  
atira-te à Tora  
onde está o molho da natureza da arte —  
boutade devorando adivinhas  
atira-te ao prazo indesejável da musa, a resfolegar  
contra o anão.

O artista não julga. O trabalho de Picasso diz  
que o fundamental na criação artística é chispalhada  
em dissonância  
e que há uma sintaxe metamoral, não-ética  
que é a liberdade, ou as ganas.

A arte é fundamental para o prazo indesejável  
da musa, a resfolegar  
contra o artista privilegiado.

N'avez les comodités de la déviance  
diria François Villon.

A cena artística é anamorfose  
a ungir palavras ácidas,  
as da revolução.

Actéon pinta no escuro o sexo de Diana.  
É não-ético?  
E a liberdade, é uma doença?

A arte é escura, é negra

com espargos lá dentro  
a misturar a morte com mais possibilidades —  
que a rude harpa imporá ciganos ao Minotauro.

Pedro Proença  
Junho de 2013